

## **Moda e mercado do olhar - ensaio**

*Mauro Mendes Dias\**

Realizar um trabalho de elaboração sobre a moda, pela Psicanálise, implica, de saída, deslocar o eixo em que habitualmente tende-se a deixá-la. Para tanto, basta consultar uma definição clássica, encontrada no *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*:

*“Fenômeno social ou cultural, de caráter mais ou menos coercitivo, que consiste na mudança periódica de estilo, e cuja vitalidade provém da necessidade de conquistar ou manter uma determinada posição social”.*

Parte-se aqui do princípio de que a moda abarca uma complexidade que vai para além de um fenômeno, cuja meta consistiria em reafirmar a conquista ou manutenção de uma posição social. Isso porque a relação do ser humano com a vestimenta, que a moda privilegia, não se resume a consolidar lugares diferenciados no meio social. A partir de qual posição se estaria autorizado para realizar essa afirmação? Primeiramente, desde aquela que prescinde de qualquer rigor acadêmico para enunciar tal observação. Ela se origina desses momentos fortuitos, e muitas vezes embaraçosos, em que tanto um homem quanto uma mulher são capazes de despender boa parte de seu tempo diante do espelho, na escolha de uma roupa. E não é preciso que a situação, para a qual o sujeito se prepara, evoque qualquer tipo de compromisso com sua posição social, ou hierárquica.

Uma das grandes dificuldades de abordar o que está em jogo no campo da moda tem origem nas diferentes reações que ela promove. Aos adeptos, deslumbramento. Aos críticos, futilidade. Não deve ser à toa, portanto, que, na seqüência das definições do Aurélio, encontremos: "Vontade, fantasia, capricho".

Partir do princípio de que a moda merece ser colocada numa Outra posição, compromete a quem dela se aproxima, numa perspectiva que não se resume a ser

---

\* Psicanalista, membro fundador da Escola de Psicanálise de Campinas. Coordenador do grupo de trabalho sobre as psicoses na obra de Jacques Lacan. Responsável pelo Seminário Mania e melancolia, no Instituto de Psiquiatria de Campinas. Supervisor da equipe de transtornos afetivos do Instituto de Psiquiatria de Campinas. Professor colaborador do Laboratório de Psicanálise e Sociedade da Universidade de São Paulo (USP) Autor dos livros "Moda : Divina Decadência". Ed Hacker e "Neuroses e depressão", editado pelo Instituto de Psiquiatria de Campinas.

condescendente com os caprichos mundanos. Isso porque se trata de realizar uma operação de transmutação do fútil em sério. Para um psicanalista, tal operação é marcada por dois antecedentes. O primeiro responsável pela fundação de seu campo, atualiza o gesto freudiano de privilegiar o que a tradição científica e intelectual dispensava como sem importância. Foi a insistência do rigor freudiano que nos permitiu, hoje, abordar os sonhos, @ os chistes e as diferentes manifestações do inconsciente com uma dignidade que escapou desde sempre à *intelligentsia*.

Em segundo lugar, a transmutação do fútil em sério representa a colocação em cena do que está em jogo na regra da associação livre, regulando a prática do psicanalista. Sem essa condição, sua práxis não teria motivos de se distinguir de uma pedagogia refinada.

Indicar a transmutação como condição para abordagem da moda num Outro lugar é, tão-somente, uma indicação de princípios, que se revelará, adiante, fundamental. Isso porque o fundamento do sério é a série, ou seja, são as diferentes articulações que se estabelecem a partir do destacamento de um elemento significativo, mediado pelo sujeito do desejo. Portanto, não se trata apenas de dignificar a elaboração sobre a moda, como contrapartida das objeções com as quais seu campo se confronta, na discussão de seus fundamentos. Trata-se, sim, de recolocar em questão o lugar e a função do sujeito do desejo que, pela Psicanálise, introduz uma nova concepção frente à aceção clássica de indivíduo.

A descoberta freudiana do inconsciente introduz uma dupla implicação. Primeiramente, ela afetou a crença de que aquele que fala não é coincidente com aquele de quem se fala. Tal divisão marca de maneira definitiva uma separação com a noção de indivíduo, do latim *indivisu*, uma vez que esse último supõe uma homologia da fala com o emissor, condição de sua identidade. Se a Psicanálise privilegia a identificação em lugar da identidade, é mesmo porque há um Outro que atravessa o discurso, nome próprio do inconsciente. Face ao inexorável, as determinações das ações humanas não poderão prescindir de levar em conta uma Outra causalidade. Nesse sentido, há uma simultaneidade que articula inconsciente e desejo. Posto que é a partir da divisão que o inconsciente introduz na linearidade do discurso que se abrirão novas séries associativas, novos caminhos, que se sustentam à medida que a força que permite tal deslocamento é o próprio desejo que se desvela para o sujeito.

Partiremos aqui do princípio de que a objeção que habitualmente é conferida à moda, como um campo de capricho e de futilidades, em nome de preservar uma crítica aos valores instrumentalizados, incorre numa recusa ao sujeito do desejo. Diferentemente do que se poderia imaginar, o sujeito do desejo não é coincidente aos anseios de um livre querer. Mas ao enunciar-se sujeito do desejo, decide levar em conta duas determinações. A primeira consiste na inclusão da categoria de sujeito junto à ordem da linguagem que, por sua vez, precede o nascimento do indivíduo. Essa determinação formal procura situar o agenciamento do ser de desejo pelos diferentes atravessamentos de seu discurso, segundo uma dinâmica que ultrapassa a linearidade do sentido, enquanto condição de se contar pelo sentido de sua própria história. A segunda determinação se refere à necessidade de entender o inconsciente, e conseqüentemente o desejo, como uma questão que, além de não coincidir com a vontade, excede os limites da moral. Ou seja, falar de desejo é falar de algo que não necessariamente vai se incluir no que é privilegiado por uma maioria, seja ela social, ou familiar. É isso que permite qualificar o desejo pela dimensão do singular, e não do universal, ainda que a antinomia entre os dois não seja dispensada em nome de um retorno ao individualismo. Isso porque a questão que o universal coloca marca definitivamente o desejo, uma vez que ele aí comparece fazendo incidir os efeitos da castração, para constituição de laços sociais diferenciados.

Reafirmar que a moda se resume em alimentar a "fogueira das vaidades", da qual ela seria um dos grandes incentivadores, merece ser levado em consideração. Não há dúvida de que existe uma ditadura da moda. E tal sistema em curso não está em ascensão apenas porque os consumidores da moda são frívolos. A condição de instrumentalizar pelo olhar é uma das condições primeiras da moda, que será analisada mais adiante. O que é preocupante é o fato de que uma verdade não somente sirva para caracterizar um fenômeno, mas também que em sua defesa se conserve uma posição que se vale da contestação para recusar a questão do desejo, ao mesmo tempo que alimenta uma razão preguiçosa, nutrida de orientação moral nas análises que realiza.

Uma retomada do mito de Adão e Eva, tal como se encontra no Gênesis, nos permite acompanhar que a idéia do surgimento dos primeiros seres humanos na face da terra vem seguida de uma menção à roupa. É fundamental perceber que enquanto Adão e Eva estavam no paraíso a roupa não é mencionada. É o que se recolhe na passagem

bíblica, intitulada "O homem no paraíso": "Adão e sua mulher estavam nus e não se envergonhavam".

Tendo comido do fruto proibido, seus olhos se abrem e, ao mesmo tempo, são expulsos do Paraíso. Uma vez pecadores, ou seja, sujeitos do desejo marcados por sexualidade, a roupa será o primeiro elemento a comparecer. É o que o texto da Bíblia revela na "Expulsão do paraíso": "Fez também o Senhor Deus a Adão, e sua mulher, umas túnicas de peles, e os vestiu com elas. E disse: Eis aqui está feito Adão como um de nós, conhecendo o bem e o mal."

No momento da "Tentação e queda", após terem aberto os olhos e visto que estavam nus, o primeiro gesto que realizaram foi o de "coser umas com as outras umas folhas de figueira, e fizeram delas umas cintas".

Tais indicações têm como objetivo situar a indissociabilidade do ser falante com a roupa. Pareceria desnecessário tal tipo de pesquisa, caso as críticas sobre a ênfase nas aparências não tentassem tornar banal a presença da roupa. Frente a isso pode-se afirmar que o homem nasce vestido, uma vez que se considere que o ingresso do ser falante no circuito da sexualidade impede que a nudez, enquanto sinônimo de estado sem sexo, é o que se perde para advir como humano.

Não é incomum que as objeções à moda se reduzam à crítica das aparências. Como se o fato de se importar com a própria imagem fosse algo que merecesse ser abandonado ou, na melhor das hipóteses, ultrapassado com vistas a valores mais substanciais.

Considera-se aqui, pela Psicanálise, que há um valor formativo da imagem, para que o ser falante se constitua como tal. Aliás, é o que o diferencia da espécie animal, em particular dos macacos, que, mesmo sendo despertados mais cedo que o bebê humano para o interesse pela imagem no espelho, interrompem tal interesse, sem qualquer tipo de retorno. No caso do bebê humano, o interesse pela imagem é o que lhe possibilitará realizar uma transmutação de uma condição da qual ele é o portador. Ao nascer, o trabalho de mielinização que lhe permite adquirir a postura ereta é precipitado por um fator psicológico. Tal precipitação é o que faz com que a cativação pela forma ereta de um Outro o impulsione para o júbilo por sua imagem, advinda na mesma condição, diante do espelho. Por isso mesmo, pode-se afirmar que esse estágio, chamado por Jacques Lacan de fase do espelho, ilustra uma antecipação do psicológico sobre o biológico, na constituição da criança. Ao mesmo tempo em que se pode

observar nessa etapa a vigência de uma identificação formadora, qual seja, aquela que é realizada pelo sujeito ao se considerar como um Eu.

Se as condições de constituição do ser falante pela imagem merecem ser aqui retomadas, é mesmo porque tende-se, criticamente, a supor que tudo aquilo que diz respeito às atitudes que realçam o próprio eu deve ser abandonado. Mais do que reforçar uma análise que, até então tem desconsiderado a complexidade que está em jogo na dinâmica do desejo, tais críticas evidenciam de que maneira, em nome do cultivo de valores menos alienantes, recusa-se a questão do desejo. Pois não é à base da exortação moral que se poderá modificar as condições de alienações denunciadas. Ao contrário, trata-se, em primeiro lugar, de poder reconhecer que esse valor formativo da imagem, nomeado como narcisismo, é o que merece ser considerado, de maneira a que não se abafe os efeitos de tensionamento que lhe são próprios. Condição na qual o retorno de tais questões tende a produzir efeitos muito mais devastadores, do que quando são reconhecidos.

O problema que se coloca, como efeito do narcisismo pelo cultivo da imagem, se refere à subdução do ser falante a uma imagem. Nesse sentido, a moda tem se valido desse efeito cativante que a imagem adquire, de maneira a instrumentalizar objetos, que outorgariam aos consumidores não somente a beleza despertada pela roupa, mas sim um tipo de ser que é vinculado a tal objeto, e que, por sua vez, passa a ser considerado como imagem ideal a ser cultivada, com o apoio maciço da mídia. É nesse sentido que a questão não se reduz a uma prática de mercado regulado por leis econômicas, tão-somente. Não há possibilidade de contextualizar a instrumentalização que a moda condiciona, caso não se passe pelo agenciamento do olhar que ela realiza. Nesse nível que está sendo analisado, o olhar diz respeito à forma pela qual o sujeito se vê, a partir do Outro. Uma vez que esse Outro adquire o poder de decidir pela forma de se ver, sem qualquer tipo de presença de alteridade, ou seja, decidindo a forma ideal de ser, passa-se a integrar uma regência que evoca a instrumentalização perversa, já que a finalidade é objetificar os sujeitos pelos tipos que lhe são promovidos. Nesse sentido, a moda faz agir, em primeiro lugar, um mercado pelo olhar, que lhe garante, de maneira eminente, o consumo da mercadoria. Condição tão mais duradoura, quanto mais o cultivo da própria imagem de forma ideal adquire consistência devido à rivalidade em que se fundamenta. Isso porque, à medida que o ser falante se constitui desde sempre na referência de um Outro, tentar elevar a própria imagem à condição ideal é também a

operação pela qual se busca triunfar sem qualquer referência à alteridade, ou seja, sem qualquer menção à diferença constituinte.

Pelo exposto, de maneira precipitada, a tendência seria pensar que o triunfo da regulação do ser falante, pela instrumentalização do olhar, não permitiria mais admitir qualquer possibilidade de diferenciação. Não deixa de ser curioso que em algumas análises, incluindo as realizadas por psicanalistas, nos deparemos com esse tipo de fatalismo. Condição tão mais paradoxal, quando acompanhamos que esse tipo de exortação à clausura pretendia cultivar a importância das opções individuais! Pelo avesso, podemos depreender que as abordagens que se limitam à denúncia da instrumentalização são a introdução em cena do gozo escópico, qual seja, a de se ver transformado em objeto de admiração.

Uma vez que o ser falante não se limita, em sua constituição, ao agenciamento pelas imagens, poderemos considerar que o fator vestimenta excede os limites do narcisismo. Nesse sentido é preciso admitir que uma roupa pode ser escolhida a despeito do objetivo concorrencial, orquestrado pelo mercado do olhar. Encontramo-nos aqui com um dos fatores difíceis de discriminar mas que, antes de qualquer análise, merece ser ilustrado pela fábula "A roupa nova do rei".

*“Não havia no mundo homem mais vaidoso que o Rei Olavo. Passava o dia admirando roupas, sapatos e jóias no espelho. NeAn sequer dava importância para os problemas do povo. Quando iam procurá-lo no palácio, para resolver algum problema, sendo rico ou pobre, tinha de esperar mais de uma hora para ser atendido. Sempre a mesma situação: sua majestade estava na sala de vestir. Tudo ia muito bem até que apareceram no reino dois sujeitos muito espertos que viviam de tapear os outros. Pretendiam extrair uma fortuna do rei vaidoso. Começaram a espalhar pela cidade que sabiam costurar uma roupa mágica, que só podia ser vista por pessoas inteligentes, enquanto os bobos e os burros não podiam ver nada. Logo assim que soube da notícia o rei contratou os dois para fazer uma roupa para ele. Depois de ter empenhado grande parte de sua fortuna, o rei saiu pelas ruas apinhada de gente para ver o traje feito de ouro, segundo se dizia. Ninguém comentava que apenas viam o rei de ceróiua e camisetas, pois, segundo os boatos, apenas os bobos e burros não poderiam enxergá-la. De repente ouviu-se a voz de um menininho:  
- O rei esqueceu de pôr a roupa - ria o garoto. Foi o que bastou para que o povo reconhecesse a verdade e caísse na gargalhada!”*

A função que a criança ocupa nessa fábula revela a possibilidade de considerar um Outro lugar para a roupa. Isso porque não se trata apenas de se incluir na condição da maioria, mas sim, de se diferenciar dela pelo riso. O que significa que um lugar diferenciado junto à roupa exige que ela possa ser abordada segundo a dimensão da particularidade, ou seja, que o sujeito possa ser vestido segundo a questão que o habita,

para além da instrumentalização. Acaso não é essa condição que acompanhamos se realizar numa análise, ao verificarmos que o atravessamento de algumas identificações, que sustentavam uma imagem de si para o sujeito, levam-no a mudar de roupa?

Fator não menos importante é também verificado quando o sujeito relata, após um certo percurso de análise, que resolveu jogar fora uma série de roupas que havia em seu guarda-roupa, e mais, que a partir de então quer mudar o tipo de roupa que usava. A análise a ser considerada aqui põe em cena a decantação do narcisismo, enquanto aprisionamento numa certa imagem. O que vemos emergir é um desnudamento progressivo, à medida que tal operação possa ser admitida como sinônima do atravessamento das identificações imaginárias que foram decisivas para que o sujeito pudesse se constituir.

Tendo em vista a possibilidade de indicar um lugar terceiro para a roupa, não mais coincidente à instrumentalização pela moda, significaria afirmar que essa condição terceira é isenta do mercado? Da mesma forma que não se trata de apelar à denúncia da clausura como único meio de realizar uma análise da moda, afirma-se aqui que essa posição terceira permite considerar a escolha do sujeito através da particularidade que conquista. Não é à toa que alguns sujeitos, nesse caso, optarão por realizar uma moda artesanal, realizando diferentes combinações com as peças do vestuário. Contudo, não se trata também de erigir o fator artesanal, ou mesmo o circuito alternativo, como possível solução para a questão do mercado da moda. Posto que o fator a ser destacado é essa particularidade que passa a ser assumida, sem ceder à cativação do gozo escópico, como única condição para a vestimenta. Dessa maneira podemos afirmar que o que se revela em tal tipo de análise não é tanto a conquista de uma condição em que o mercado seria abandonado, mas sim a condição fetiche que o organiza e enclausura. Temos aqui a indicação de que, pela Psicanálise, segundo a análise conduzida, não se trata do cultivo de uma posição solidária de uma revolução dos costumes, mas sim que o costume de propor uma revolução possa ser avaliado em seu avesso, qual seja, o da defesa de uma moral regida pela recusa dos avatares do sujeito do desejo. Não passa despercebido uma vizinhança que segue indicada entre o capitalismo e a Psicanálise. A questão que merece ser indicada é o fato de que tal imbricação se realiza como efeito do agenciamento capitalista ser antes de mais nada uma forma de gozo, que procuramos revelar, mais além de ser considerado como sistema econômico. O que nos permite considerar se o ideário anticapitalista é uma forma inocente, ou seja, que não tem o

objetivo explícito de evitar uma questão, mas que acaba não tendo que se haver com os diferentes impasses que o gozo impõe para o ser de desejo. Que tal tipo de afirmação seja em geral evitada, introduz a necessidade de retomar os limites da Psicanálise diante da questão econômica, a partir de sua especificidade no que se refere a uma abordagem do ser falante pela economia dos gozos.

Uma vez que é possível admitir que o desnudamento progressivo relativo ao atravessamento das identificações imaginárias afasta o sujeito da instrumentalização que a moda opera junto ao mercado de roupa, significaria afirmar que a moda deixa de ter importância? Resposta afirmativa, caso se pretenda que ao advento da singularidade corresponda a condição de um sujeito que se retira do laço social do qual participa. Mais além de ser confrontado, à sua revelia, pelos efeitos maciços da instrumentalização, resta considerar que o objetivo em jogo pela moda não deixa de revelar uma verdade. Pois se a questão que ela faz agir tem como objetivo primeiro que o sujeito se resuma a um objeto, pela imagem, é mesmo porque tal sujeito vem marcado pela falta de um saber sobre a sua própria condição. Nesse sentido, a questão da qual a moda se vale para fazer agir o seu discurso é extensiva a qualquer ser falante. Talvez por isso ela seja considerada elemento perigoso aos regimes que não querem saber da possibilidade de trazer à tona essa falta de resposta marcada na constituição. Pelo mesmo motivo, ela é indicada como demoníaca e representante do imperialismo nos países em que as mulheres não têm direito sequer de mostrar o próprio rosto. Elemento tão mais perigoso para esses sistemas, quando se verifica, a despeito das objeções, o fascínio das mulheres pelas criações dos estilistas que a elas se dedicam. Face à exceção que uma mulher estaria em condições de exercer, diferentemente do apego ao universal masculino, permitir a vigência da moda nesses países corresponderia a deixar cair a segregação que praticam, desde onde a circulação do desejo abalaria a dedicação do convertido.

Se o discurso da moda merece ser retomado em sua especificidade e potência, é mesmo porque a crítica das aparências, da futilidade - e tantas outras adjetivações que ela tende a despertar -, é bem mais profunda do que se tende a reconhecer. Em contrapartida, a possibilidade de desnudamento que, pela Psicanálise, é possível de agenciar, apresenta uma alternativa diferenciada ao que até então tem sido realizado através das ideologias. Mais ainda, tal desnudamento tende a aproximar a questão que havia se iniciado pela subdução à condição de mercadoria, do problema do feminino. Isso porque o desnudamento em jogo se realiza pela insistência na suspensão do



instituído. Que essa suspensão não seja confundida com uma atividade de recusa é o que permite situar o motivo pelo qual a incidência da anorexia tende a ser mais freqüente entre as modelos. Posto que, tal como a posição dos modelos que se recusam a admitir qualquer manifestação de seus próprios desejos, em benefício da manutenção de um tipo ideal, a questão da anorexia se resume a uma recusa a tudo aquilo que vem do Outro. A começar pela condição de sustentação da vida, pela alimentação. Sabe-se que tal tipo de posição é uma tentativa de preservar uma possibilidade de diferenciação diante do caráter maciço e avassalador do desejo do Outro. Contudo, da mesma forma que as modelos, o sujeito na anorexia ocupa uma posição em que a sua diferença se resume a recusar uma condição a partir da qual se comprometeria na emergência de uma palavra nova. Que as modelos sejam conhecidas como sujeitos que não falam, apenas reafirma tal tipo de ligação. Como ultrapassar tal desígnio? Seria preciso considerar a criação de um outro tipo de sociedade e de mercado?

Uma vez que a instrumentalização pelo olhar encontra na moda a expressão de sua potência, criando a necessidade de incluir a concepção de mercado numa perspectiva dos gozos, vale deixar indicado que a transmutação dessa condição não haverá de ser agenciada pela perspectiva de mudanças no setor econômico, tão-somente. Tampouco pela exortação de novos valores. Somos compelidos, de saída, a ter de nos confrontar com o convite maciço aos gozos instrumentalizados. De maneira a indicar uma perspectiva que não se limite às condições de elaboração realizadas por cada um, será preciso poder reconhecer que a condição masoquista, presente em tais agenciamentos, não se iguala a um sacrifício dos inocentes. Ao contrário, o martírio e o suplício são fatores suficientes para sustentar uma existência. Ao que parece, o mercado do cinismo descobriu, com habilidade, que a eficácia do convertido é a mercadoria do infiel.